

A psicologia da conduta de Pierre Janet: Uma síntese de um projeto de psicologia esquecido

Pierre Janet's Psychology of Conduct: A synthesis of a forgotten psychology project

Yuri Pereira Antunes Vieira

 <https://orcid.org/0000-0002-3541-4866>

Universidade Federal Fluminense
Brasil

André Elias Morelli Ribeiro

 <https://orcid.org/0000-0002-1102-2286>

Universidade Federal do Amapá
Brasil

Resumo

Pierre Janet (1859-1947) foi bastante debatido no início do século XX. A historiografia valoriza suas contribuições para a psicopatologia e, em menor grau, seu debate com Freud, com pouco espaço à sua Psicologia da Conduta, mencionada e discutida por personagens importantes. O presente trabalho recupera fontes primárias e secundárias, apresentando características do seu projeto psicológico. O pensamento psicológico janetiano tem caráter genético e funcionalista, apresentando as partes do funcionamento da mente como recapitulação da história evolutiva da espécie humana. O centro de sua teoria são as condutas, ações que incorporam elementos da vida mental, divididas em animais, intelectuais, médias e superiores. Outro conceito são as tendências, disposição do organismo vivo a efetuar uma ação determinada. Apesar da influência de suas ideias em teorias psicológicas, sua falta de interesse em fundar uma escola e atrair discípulos, junto de seu debate com Freud, levara as ideias de Janet a perpetuarem principalmente por via indireta.

Palavras-chaves: Pierre Janet; psicologia da conduta; história da psicologia.

Abstract

Pierre Janet's (1859-1947) ideas were very much debated at the beginning of the 20th century. The historiography values his contributions to psychopathology and, to a lesser extent, his debate with Freud. Few spaces approach his Psychology of Conduct, debated by important figures. This paper retrieves primary and secondary sources, presenting characteristics of his psychological project. Janetian psychological thought has a genetic and functionalist character, demonstrating the parts of the functioning of the mind as a recapitulation of the evolutionary history of the human species. The center of his theory is the behaviors, actions that incorporate elements of mental life, divided into animal, intellectual, average, and superior. Another concept is tendency, the disposition of the living organism to do a certain action. Despite the influence of his ideas on psychological theories, his lack of interest in founding a school and attracting pupils, coupled with his debate with Freud, led to Janet's ideas being perpetuated mainly indirectly.

Keywords: Pierre Janet; psychology of conduct; history of psychology.

A contribuição da psicologia originária das terras falantes da língua francesa para o desenvolvimento do campo psicológico no Brasil é destacada por diversos autores, como Parot e Richelle (1992), Penna (1992) e Vasconcelos (1996), entre vários outros. Embora o Brasil tenha sido uma colônia portuguesa, o pensamento francês sempre foi amplamente utilizado e debatido pela intelectualidade nacional, graças à importação de suas ideias na forma de teses, livros, intercâmbios, entre outros. Dentre estes se incluem obras e tratados de ideias e práticas em psicologia, que foram fundamentais na construção do campo psi no país. Assim, o estudo dos autores francófonos é crucial para compreender as origens da psicologia brasileira. Através da análise desses materiais, é possível ter uma compreensão mais profunda da evolução do pensamento psicológico no Brasil, bem como da influência das correntes teóricas francesas em nosso contexto.

Pierre Janet é um dos autores mais utilizados pelos psiquiatras da virada dos séculos XIX para o XX e despertou também o interesse dos primeiros estudiosos em psiquiatria e psicologia no Brasil. Nascido em 1859, em Paris, Janet cresceu em uma família imersa no meio acadêmico, sendo Paul Janet, seu tio, uma das figuras centrais da filosofia francesa do século XIX (Vieira & Ribeiro, 2020). A influência do tio exerceu forte impacto sobre a trajetória acadêmica e intelectual de Pierre Janet. Ele é reconhecido, dentre outras, por suas contribuições na psicologia da conduta humana. Seu trabalho enfatiza a importância das experiências pessoais na formação da personalidade e do comportamento, além de destacar o papel do ambiente na formação da personalidade e do comportamento humano. Janet cunhou o termo *subconsciente* para se referir às memórias traumáticas que afetam o comportamento humano de forma inconsciente.

A formação de Pierre Janet foi atravessada simultaneamente pelas ciências naturais e humanas (Vieira & Ribeiro, 2020), envolvendo-se tanto com a filosofia quanto com a fisiologia e medicina de sua época. Seu interesse voltou-se para a psicopatologia, assunto de sua tese em filosofia, em 1889, e em medicina, defendida em 1893, onde discorreu sobre a histeria, os estados de “automatismo psicológico” e suas propostas de tratamento. Janet foi o segundo a dirigir o curso de psicologia experimental criado na Sorbonne, ocupando esta vaga entre 1897 e 1902 (Vieira & Ribeiro, 2020). A partir de sua proximidade com Charcot e outros membros da *Société de psychologie physiologique* interessados no estudo das psicopatologias, ele foi convidado a dirigir um laboratório de psicologia experimental na Salpêtrière, em 1889, mantendo-se lá por 21 anos (Vieira & Ribeiro, 2020), onde entrou em contato com inúmeros casos clínicos, que se mostraram essenciais para escrita de suas obras.

Com a aposentadoria de Théodule Ribot, Janet deixa de lecionar na Sorbonne e assume uma cadeira no prestigioso Collège de France, em 1902, onde fica até 1935 (Vieira & Ribeiro, 2020). Em 1904, em colaboração com Georges Dumas, funda o *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, visando fortalecer os es-

tudos na vertente médico-psicológica. Em 1929 torna-se presidente da *Société Médique-Psychologique*, aumentando sua influência e relevância no cenário dos estudos psicológicos e psiquiátricos na França.

As ideias psicopatológicas de Janet foram bastante discutidas em sua época, sendo um dos autores mais relevantes no estudo das desordens dissociativas, psicastênicas e histéricas. Ele não realizava uma diferenciação entre suas obras de cunho psicológico e psiquiátrico - questão que não se fazia presente -, tendo também dedicado parte do final de sua carreira na criação de um projeto de psicologia em contraponto ao behaviorismo americano, nomeado *psychologie de la conduite*, doravante *psicologia da conduta* (Janet, 1946).

Atualmente, a figura de Pierre Janet é majoritariamente associada às suas concepções psicopatológicas, sendo exemplo disso a criação de um centro especializado em seu estudo e tratamento que leva seu nome (Boulangée, 2020). Além disso, há diversos trabalhos no domínio da psiquiatria que abordam a obra de Janet, como os estudos de Brown et al. (1996), Dohary e Van der Hart (2006) e Thoret et al. (1999). No entanto, a obra de Janet é muito mais ampla e abrangente do que a sua enorme contribuição para a psicopatologia. Seus trabalhos sobre a psicologia da conduta humana, a teoria do subconsciente e a hipnose, por exemplo, ainda são referência para a psicologia contemporânea, tendo sido mencionados por e debatidos por muitos autores importantes, como Piaget (1983) e Vygotsky (Van der Veer & Valsiner, 1988). É importante, portanto, ressaltar a riqueza e a relevância das diferentes contribuições de Janet para as diferentes áreas da psicologia e da psiquiatria.

O eminent historiador da psiquiatria Henri Ellenberger (1976) coloca Pierre Janet como um dos pais da psiquiatria dinâmica, ao lado de Sigmund Freud. Embora o francês também seja reconhecido como uma peça importante para compreender a institucionalização da psicologia em seu país, ele atraiu mais o interesse de pesquisadores da história da psiquiatria do que da história da psicologia. Como resultado, não há uma grande quantidade de obras cuja temática principal seja investigar suas ideias psicológicas propriamente ditas ou que não o faça sob a lente de sua relação e embate com o fundador da psicanálise (Cassullo, 2019; Craparo et al., 2019; Dagfal, 2013; Pérez-Rincón, 2011; Sanfelippo & Dagfal, 2020; Surprenant, 2018).

A sua psicologia da conduta, por sua vez, guarda um caráter tanto dinâmico, expresso pela sua teoria das tendências, quanto genético, expresso por sua teoria das condutas, que dão nome à sua psicologia. A parte dinâmica de sua psicologia, em vários momentos, guarda semelhanças com a psicanálise freudiana – ambos eram contemporâneos e estiveram em público desacordo, incluindo acusações de fraude (Borch-Jacobsen & Shamdasani, 2014). Já a parte genética constrói uma teoria baseada na evolução, claramente inspirada na teoria da recapitulação de Haeckel, onde a história da espécie humana guarda semelhanças com de outras espécies animais e tem um papel fundante na estrutura das condutas e suas ma-

nifestações.

Considerando a pouca quantidade de literatura especializada em assuntos relacionados às ideias psicológicas de Pierre Janet, este trabalho¹ tem o objetivo de apresentar e discutir os elementos básicos da psicologia da conduta, procurando fornecer mais informações sobre suas teorias a respeito do funcionamento do psiquismo e, assim, subsidiando pesquisas futuras sobre o próprio Janet e sua circulação no Brasil. Janet é muito mencionado por eminentes psiquiatras e outros profissionais brasileiros, e compreender as discussões por eles empreendidas passa por compreender também fundamentos das ideias de Janet. Para isso, valeu-se de uma revisão bibliográfica nos materiais do próprio Pierre Janet, incluindo suas duas autobiografias (Janet, 1930, 1946), o único texto destinado especificamente à apresentação da psicologia da conduta (Janet, 1938) e da obra onde melhor explica e desenvolve alguns de seus aspectos (Janet, 1926). Outra referência importante é o livro escrito por seu único discípulo, o psiquiatra suíço Leonard Schwartz (Schwartz, 1955), que tomou para si a tarefa de sintetizar o sistema psicológico de seu mestre. A obra conta com o apoio, revisões e uma introdução escrita pelo próprio Janet e, por essas razões, foi considerada uma fonte primária para o assunto.

Ademais, foi realizada também uma primeira aproximação com a literatura secundária (Amann-Gainotti, 1992; Blaser, 2015; Dagfal, 2002; Ellenberger, 1976; Foulquie & Deledalle, 1977; Heim & Bühler, 2003; Hesnard, 1927; Nicolas & Reuchlin, 2002; Parot & Richelle, 1992; Reed, 1987; Saillot, 2017, 2018, 2020; Serina, 2020; Vieira & Ribeiro, 2020), porém, há pouco sobre a psicologia da conduta disposto nestes textos. Craparo et al. (2019), em um livro recente dedicado a resgatar certas ideias psicopatológicas de Janet e estabelecer paralelos com a psicanálise, tem uma percepção similar à proposta, dizendo: "Embora a teoria da dissociação de Janet esteja sendo redescoberta, ainda há pouco conhecimento sobre quais tesouros estão escondidos em seus últimos trabalhos a respeito da psicologia da conduta" (p. 8, tradução nossa). Esta passagem revela o quanto ainda é necessário compreender este aspecto da obra janetiana.

Dentre as fontes secundárias mencionadas, três delas merecem destaque por dedicarem certa atenção ao projeto de psicologia janetiano, e foram utilizadas para auxiliar no entendimento das fontes primárias. No artigo de Heim e Bühler (2003) é apresentado brevemente o que eles chamam de *la psychologie de l'action* de Janet, passando por sua esquematização geral e explicando alguns de seus principais conceitos. Ellenberger (1976) faz algo similar, tratando de maneira breve o quadro teórico compreendido em seu sistema psicológico. Por sua vez, Hesnard (1927) escreveu sobre a psicologia da conduta de Janet a partir de publicações desde seu ingresso Collège de France, em 1902. Destaca-se também as publicações recentes de Saillot (2017, 2018, 2019, 2020), que tem se dedicado a analisar e discutir aspectos do sistema teórico da Janet, mas não faz uma apresentação e explicação

¹ Financiamento: PIBIC/CAPES

completa de sua psicologia, tarefa que entende necessária e por ser realizada (Sail-lot, 2017). As investigações de Van der Veer, ainda que não voltadas propriamente para a psicologia da conduta, merecem ser mencionadas por retomarem suas ideias (Valsiner & Van der Veer, 2000; Van der Veer & Valsiner, 1988, 1991).

A apresentação do sistema psicológico de Janet apresentada neste artigo inspira-se na estrutura da única publicação dedicada integralmente ao tema (Janet, 1938), e inclui considerações gerais, comentários e explicações complementares extraídas principalmente de Janet (1926).

A psicologia da conduta de Pierre Janet

Inicialmente, Pierre Janet (1938) situa a psicologia da conduta como o campo de estudo das relações do homem com o universo e com outros homens. Ele argumenta que cada sistema psicológico elege um dentre diversos fatos passíveis de observação e o toma como essencial para pensar todos os demais.

A Psicologia da Conduta é colocada em contraste com outra psicologia, a do comportamento, de origem norte-americana (Janet, 1930, 1938). A linha estadunidense é criticada por suas limitações na abordagem de elementos "complexos", tais como a consciência, os sentimentos e o campo das ideias. Essas críticas são utilizadas para realizar uma diferenciação clara entre a psicologia da conduta e a psicologia do comportamento, uma vez que possam parecer similares em nomenclatura. Janet (1938) enfatiza que seu sistema, diferente de seus colegas do outro lado do Atlântico, daria conta do "estudo da consciência e de todos os fenômenos psicológicos superiores"(p. 1, tradução nossa).

A psicologia da conduta toma todos os fatos psicológicos observáveis enquanto *ações* ou *atos*, termos tomados indistintamente, que variam de acordo com seu grau de modificação do mundo exterior. As ações – ou atos -, por sua vez, se articulam para formar *condutas*. Schwartz (1955) indica que, para Janet, ações seriam as vias mais objetivas para o estudo do âmbito psicológico, tendo a vantagem de abrir a possibilidade para diversas interpretações de um mesmo fenômeno, o que permitiria o alinhamento da psicologia teórica com uma prática. Mas, ao se valer de termos tão abertos, o autor faz questão de especificar como eles se inserem em sua teoria, adiantando possíveis críticas e tratando de sua fundamentação.

Janet (1938) admite que toda ação humana pode ser caracterizada enquanto viva e imprevisível, numa referência aos trabalhos do filósofo e seu amigo Henri Bergson. Também afirma, por outro lado, que considerar a ação humanas unicamente em termos de imprevisibilidade tornaria seu estudo científico inviável. A psicologia da conduta não se interessa pelo imprevisível dos atos humanos, antes concentra-se naquilo que é regular e determinado em sua constituição. Tanto as relações com o presente quanto com o passado e o que já foi adquirido - o que é conhecido como tendências - são fatores presentes em nossas ações que podem se enquadrar nesta possibilidade de análise de regularidades.

Ao mesmo tempo, Janet tenta evitar que seu projeto de psicologia seja definido como “finalista” (Janet, 1938). Esclarece também que a psicologia da conduta não se opõe às interpretações espiritualistas e às pesquisas filosóficas acerca das ações, porém não partilha o interesse em explicar suas origens.

Outro conceito central para compreensão do sistema psicológico de Janet é o de *tendência*, definida como:

uma disposição do organismo vivo a efetuar uma ação determinada; ação caracterizada por um certo número de movimentos de determinados órgãos, se sucedendo em uma certa ordem, em relação a uma certa estimulação de qualidade e força determinada que se produz sobre um ponto determinado de superfície (Janet, 1938, p. 3).

As tendências são, conforme Janet, o ponto de partida de todas as ações humanas, constituindo seu princípio e requisito. Elas podem ser organizadas por um princípio evolutivo, onde as mais antigas são mais fortes do que as adquiridas mais recentemente. Esta conceituação coloca, nas palavras do próprio Janet (1938), sua psicologia na condição de *genética*, sem propor uma ontogenética como faz, por exemplo, Piaget (1983), mas antes interessada numa explicação filogenética das tendências (Ey, 1978).

Em sua sistematização das tendências, Janet constrói uma tabela hierárquica das mesmas, constituída por quatro níveis de classificação, dispostas na seguinte ordem: condutas animais, condutas intelectuais, condutas médias e condutas superiores. A esquematização janetiana se orienta por um princípio filogenético e ontogenético, acreditando que a história da espécie pode ser utilizada para compreender o desenvolvimento das condutas individuais (Schwartz, 1955). Schwartz (1955) acrescenta que a diferença entre seus níveis seria de ordem qualitativa, e não se resumiria a uma mera acumulação de tendências, havendo sua progressiva complexificação, algo semelhante ao que se observa em Piaget (Flavell, 1986).

A hierarquia das condutas

Condutas animais

No nível das condutas animais, se encontrariam os atos mais elementares e antigos, presentes em todas as espécies compreendidas dentro desse reino, e na qual os humanos recorrem quando há uma grande regressão da vida psicológica, como, por exemplo, nas agitações não coordenadas ou convulsões nos casos de psicopatologias. Ele agrupa sob esse domínio três atos: atos reflexos, atos perceptivos-suspensivos e atos sociais (Janet, 1938).

Os atos reflexos são constituídos por tendências que, quando estimuladas em qualquer intensidade, terão sua carga completamente descarregada, não podendo ser interrompidas. Fariam parte deste grupo os reflexos fisiológicos, sendo formados basicamente por movimentos de contrações e dilatações dos membros,

como as reações de afastamento e aproximação ou os movimentos de excreção. Janet (1938) também menciona a existência de “reflexos psicológicos”, que seriam uma elaboração evolutivamente posterior dos fisiológicos, constituindo fenômenos essenciais da dor e prazer (p. 5).

Já nos atos perceptivos-suspensivos, há uma mudança no processo de ativação das tendências, não havendo mais sua descarga completa. Conforme afirma Janet, nestes atos, a estimulação não causa uma reação explosiva, como era o caso dos atos reflexos, mas uma descarga em etapas das tendências. Estas saem de seu estado de pura latência ou ação em potencial e entram em estado de ereção, mobilizando forças para sua possível consumação mediante estimulações posteriores. Um exemplo é a cena de um cão que, ao perceber sua presa, se prepara para o ataque, mas necessita de outras estimulações para a consumação de suas tendências.

Os atos sociais constituem a terceira categoria das condutas animais, que se distinguem por implicar uma transformação da relação com o mundo. Nesses atos, o animal não se limita a responder a um estímulo ou objeto, mas age sobre ele, realizando um “ato do objeto” (Janet, 1938, p. 5). Essa forma de conduta tem uma dupla dimensão: a representação do outro e a reação ao próprio ato. Segundo Janet, o social e o pessoal são aspectos complementares e inseparáveis da conduta, que não se reduzem a uma intencionalidade objetiva ou subjetiva. Daí surge a noção de colaboração consigo mesmo, em que o sujeito se torna simultaneamente objeto e fonte de estímulo, estabelecendo uma relação de âmbito “sócio-pessoal”. Os exemplos de Schwartz (1955) incluem a imitação e a colaboração, que se baseiam nas tendências regulatórias que atuam sobre as demais tendências do ser.

Condutas intelectuais

No próximo nível da hierarquia das tendências, que congrega as condutas intelectuais, os atos continuam não sendo de exclusividade dos seres humanos, estando presentes também em outros animais, como os chimpanzés (Schwartz, 1955), ainda que mais evoluídas em humanos. Ao contrário do que se observa nas condutas animais, nas intelectuais não há uma ordem de evolução das ações, mas sim a localização de atos que se relacionam entre si. Um exemplo está na noção de recipiente, onde um objeto que originalmente foi feito para guardar alimentos pode receber novos usos e significados diferentes daqueles para os quais foi criado inicialmente. Este seria o ato de “combinar”, onde se reúne variadas tendências acerca do mesmo objeto, permitindo que se estabeleçam diversas relações para com ele, demarcando a entrada no campo simbólico (Janet, 1938, p. 6).

Linguagem

Para Janet, a linguagem é uma conduta intelectual de grande destaque e um elemento essencial da sua teoria. Ela teria surgido na evolução humana como uma forma de comunicação social baseada em ordens e obediências, que faziam com que uma palavra provocasse uma ação, como os “gritos de guerra” dos chefes tribais (Schwartz, 1955, p. 18). Com o aumento da complexidade humana, passamos a usar a linguagem não só para falar sobre o mundo exterior e com os outros, mas também para falar de nós mesmos e conosco, dando origem ao que ele denomina de “linguagem inconsistente” ou a “linguagem interior”, que é uma ação exclusiva de cada indivíduo. Janet (1938) afirma que essa separação entre a fala e a ação teria originado as duas dimensões das condutas humanas, ou seja, a linguagem interior seria “o ponto de partida da distinção do movimento e do pensamento, do corpo e da alma” (p. 6).

Segundo Janet (1938), a linguagem também é responsável pelo surgimento da “memória” (p. 6), que é a capacidade intelectual de se relacionar e reagir a objetos que não estão presentes. Ele distingue a memória da simples conservação de tendências, que é um registro passivo comum a todos os seres vivos, e afirma que a memória consiste em evocar objetos que não estão à vista. Essa capacidade de referenciar algo ausente teria começado com os signos da linguagem, e depois se interiorizado - formando o ato de recordar-, assim como os atos de fala. Desse modo, entende-se por que a memória é vista, na esquematização genética de Janet, como uma grande “intelectualizadora” de todas as condutas anteriores (Schwartz, 1955, p. 18).

Condutas médias

Compreendidas no terceiro nível da hierarquia das tendências, estão as condutas médias, que têm em comum o “restabelecimento intencional dessa união entre a linguagem e os atos motores ou a especificação de seu grau de separação” (Janet, 1938, p. 6, tradução nossa). No cerne das condutas médias encontram-se os elementos denominados *afirmações*. Desde o início, é possível separá-las em duas configurações distintas: aquelas que se baseiam na vontade e aquelas que se baseiam nas crenças. Na primeira configuração, a realização da afirmação ocorre imediatamente, restabelecendo a união entre linguagem e atos motores. Na segunda configuração, a consumação da afirmação não pode ocorrer da mesma forma, pois envolve elementos simbólicos e linguísticos que não podem ser facilmente traduzidos em termos de ação. Eles ocorrem em termos de atos de fala, sem a presença dos motores, de modo que a realização da afirmação pode ocorrer posteriormente.

Janet (1938) distingue dois tipos de crenças: as “assertivas” e as “refletidas” (p. 6-7). A diferenciação entre elas se baseia na presença ou ausência de

um processo reflexivo, e consequentemente, no nível de elaboração das crenças. Como já mencionado, na teoria de Janet, a linguagem desempenha um papel fundamental na concepção do pensamento. A reflexão, segundo o autor, decorre da internalização do processo de confrontação de crenças presentes nas discussões com outros sujeitos, sendo uma espécie de "discussão privada".

As crenças assertivas

As crenças assertivas, em sua maioria, são mal adaptadas tanto à realidade exterior quanto às disposições do próprio sujeito, resultando em gastos energéticos excessivos e necessitando de muita regulação. Por outro lado, as crenças refletidas tentam diminuir a discrepância inicial que se apresenta entre uma afirmação e sua tentativa de consumação, tornando-se mais "eficientes". Conforme Janet (1938): "é difícil, mas necessário, compreender que existem diferentes degraus da realidade que se situam em períodos de tempo distintos e são diferenciados pela reflexão"(p. 7, tradução nossa).

Janet sustenta que há uma evolução das crenças humanas e que esse processo perpassa a nossa constituição de realidade, chegando a esquematizá-las de acordo com sua aquisição ao longo de nossa história enquanto espécie. Seus respectivos estados seriam "assertivo, refletido, racional, experimental e progressivo"(Janet, 1926, p. 223, tradução nossa), sendo as últimas três relacionadas ao último nível de sua psicologia, tratadas mais adiante.

Para que se compreenda as implicações da passagem entre os estados de crença assertiva e refletida, é necessário antes conhecer o conceito de *noção* na teoria janetiana e a maneira como ele se dispõe em cada nível, respectivamente. As noções seriam fenômenos psicológicos compostos pela combinação de crenças, percepções e falas que moldam a maneira humana de estabelecer relações, estando ausentes nas condutas animais (Janet, 1926, p. 221). Segundo Janet, somente a partir de seu surgimento faz sentido conceber que a "existência" ou "não existência" de algo participe da composição de realidade dos seres.

A noção que demarca o nível assertivo das crenças, também configurando a forma menos acabada da concepção de existência, é, conforme Janet, a de "ser". Ela seria a responsável por conferir a propriedade de persistência aos objetos mediante sua ausência, ato de afirmação que ocorre pela via da crença e/ou fala, e, acerca disso, Janet (1926) enfatiza "o objeto que não provoca afirmação, não torna-se ser" (p. 224–225, tradução nossa).

Os objetos com a qualidade de ser são dotados de *intenções*, que indicam as predisposições do sujeito a reagir na sua presença. Este ser reúne o que seriam as características principais do objeto, conforme a concepção do indivíduo, podendo congregar as mais variadas atribuições (Janet, 1926). A análise do estado

das crenças de Janet é baseada nos estudos sociológicos de Lucien Lévy-Bruhl², especificamente em relação ao que ele chama de povos “pré-lógicos” e à perspectiva animista presente em suas culturas. Janet (1926), menciona como exemplo de suas afirmações a pesquisa do epistemólogo suíço Jean Piaget³, que afirma haver, com base em suas pesquisas com crianças, um estágio do desenvolvimento em que o infante crê que a realidade é dotada de uma intencionalidade cognoscível, estabelecendo ligações e tentando prever tudo, não concebendo a noção de erro ou arbitrariedade quanto às suas crenças.

As crenças assertivas também têm um aspecto temporal. Janet (1926) entende que, no nível assertivo, ainda não há a noção de “evento/acontecimento” (p. 229), justamente por não ser realizada uma distinção de tempo entre as crenças, de modo que não exista delimitação de passado, presente e futuro. A comparação, a título de exemplo, é a reminiscência traumática, onde o tempo se perpetua, apagando a diferença temporal. Outro exemplo evocado é o da tradição profética, rotulada enquanto “primitivas” por Lévy-Bruhl, e o estado assertivo das crenças, uma vez que elas poderiam ser explicadas justamente pela ausência de uma distinção temporal.

As crenças refletidas e a noção de real

As crenças assertivas adquirem, para o sujeito, a condição de verdade, jamais sendo confrontadas entre si, de modo que jamais se contradizem (Janet, 1926). Assim, a própria noção de distinção está em jogo, que só aparecerá no próximo estado das crenças, as chamadas crenças refletidas. Recapitulando, a reflexão teria sua gênese na internalização do processo de discussão com outros sujeitos, ou seja, no reconhecimento da alteridade e contradição das crenças, aplicando um juízo de valoração quanto a elas. Se antes o que estava em jogo era a condição do ser, agora seria o *real* o estatuto último a ser conferido.

O real como produto da reflexão é uma noção que tem como determinante a possibilidade de realização de suas condições, fundamentada na maior adequação das tendências a sua ativação - passando por si, pelo outro e pelo mundo. Em outras palavras, no nível do ser e das crenças assertivas, não haveria preocupação sequer com a possibilidade daquilo que se crê não ser real - não necessitando se adequar ao mundo ou aos outros. Já no nível das crenças refletidas, sua caracterização se dá justamente na reflexão sobre o real.

² Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) foi um filósofo e sociólogo francês que se dedicou ao estudo das formas de pensamento dos povos primitivos. Suas ideias e obras foram muito debatidas na sua época, incluindo o próprio Pierre Janet e o psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget. Lévy-Bruhl defendia que esses povos possuíam uma mentalidade pré-lógica, baseada na participação mística e na representação coletiva, diferente da mentalidade lógica dos povos civilizados.

³ Jean Piaget (1896-1980), famoso psicólogo e epistemólogo suíço, admitiu em mais de uma ocasião que Pierre Janet era seu verdadeiro mestre de psicologia, frequentando suas aulas em Paris. A relação entre ambos os autores foi explorada por Fedi (2007).

Dizer que algo é real, implica em admitir que existem coisas que não são reais em sua totalidade ou em parte, discriminando então “níveis de realidade” (Janet, 1926, p. 233). Nesse momento, o tema da temporalidade volta à tona, pois ele é fundamental na distinção dos graus de realidade, uma vez que assume-se que nem tudo está no mesmo plano de existência. Janet (1926) apresenta o que ele intitula de *semi-real*, composto pela noção de *evento futuro* e *evento passado* (p. 238) - que serão tratados separadamente. A reflexão agiria sobre o semi-real, de modo a “desembaraçá-lo/ordená-lo”, evitando que tendências memorativas se confundam com crenças futuras (p. 238).

O autor afirma que a confusão entre a noção de desejo e a de futuro é comum, sendo a primeira a ativação incompleta de uma tendência, enquanto a segunda, indo além dela, constitui-se pela junção entre desejo e atenção. A noção de futuro, dessa forma, é uma “conduta especial que dirige esforço para manter uma tendência em estado de ereção, sem permitir que retorne à latência ou que se ative pela consumação” (Janet, 1926, p. 238).

O passado é colocado em relação com outro conceito, o da “conservação das tendências” (Janet, 1926, p. 239) - assim como na publicação de 1938 (Janet, 1938), ao tratar da memória. A conservação de tendências seria um registro passivo que permeia todos os seres vivos, ao passo que o passado teria sua fundamentação no ato de “recontar”, ou preparação/elaboração, para o ato de fala referente a um evento em ausência de seus objetos iniciais.

Janet (1926) propõe mais um grau de realidade, além do semi-real, chamado de *quase-real*, que se situaria entre o semi-real e o real. Esse nível se refere à realização das ações e ao nosso reconhecimento delas, implicando uma representação do agir que acompanha o seu desenvolvimento - respeitando a elaboração das tendências memorativas em fórmulas verbais. Para esclarecer essa ideia, o autor usa um exemplo de um sujeito que diz a si mesmo “estou aqui a fazer isto” enquanto executa uma tarefa qualquer. Nesse ponto, o francês introduz pela primeira vez na obra a noção de “presente”, que teria surgido apenas mais recentemente em nossa história e se perderia facilmente nas flutuações da vida mental - estando relacionado à difícil “função do real” que ele observa ausente na maioria das psicopatologias. O conceito de “duração” de Bergson aparece quando Janet (1926, p. 246) aborda o presente, afirmando que sua variação dependeria da complexidade e quantidade de tendências que formariam as ações.

Ainda na seara do real para Janet, tem-se o chamado “real verdadeiro” (Janet, 1926, p. 250) – possivelmente o último grau de realidade – que comprehende o que se pode verificar pelos atos dos membros do corpo, assumindo que este possui inegável materialidade e capacidade edificadora da realidade. Apesar da terminologia utilizada para definir este nível da realidade, ele não pode se sustentar sozinho, considerando sua incompletude e dependência de todas as outras instâncias da realidade, revelando a complementariedade existente entre elas.

Condutas superiores

As condutas superiores estão no último nível da hierarquia das tendências por conta de sua aparição mais recente na história da espécie, o que significa uma consolidação menor do repertório tendências a elas associadas, novas demandas energéticas e um alto grau de adaptabilidade.

Para Janet (1926), haveria uma distância entre o plano da reflexão e da execução das tendências refletidas, o que permite discriminar as condutas superiores. A reflexão, conforme Janet (1926), não lida de fato com nossas tendências, e sim com suas representações, pois “ao momento da execução, não se trata mais de lutar simplesmente contra as fórmulas representativas, se encontra na presença das tendências mesmas, realmente ativadas e com grandes forças mobilizadas, e a incrível formulação vitoriosa se mostra insuficiente” (p. 193–194, tradução nossa). Assim, conforme Janet, um alcoolista, por exemplo, reconhece a problemática da bebida em sua vida, mas não deixa de beber, por haveria dificuldade, por parte deste indivíduo, em “delegar” a si mesmo, ou seja, “mandar” ou “determinar” que pare de beber.

Um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento das condutas superiores é o trabalho. Para ele, diversos aspectos psicológicos estruturantes da vida nas sociedades atuais teriam sua gênese no trabalho, a exemplo da atenção voluntária - que ele contrasta com a espontânea -; a paciência associada à sustentação da atenção voluntária; perseverança; iniciativa e a coerência dos atos (Janet, 1926). Esse “sujeito contemporâneo”, que se orienta por esses processos psicológicos superiores, teria a confiabilidade/previsibilidade como uma de suas maiores características, ou seja, a capacidade de cumprir com seus deveres e promessas para consigo e outros ou, conforme a expressão inglesa, é um *reliable man*.

Para além do trabalho, Janet (1938) também indica as condutas superiores nos campos da religião e ciência, afirmando que estes decorreriam da institucionalização de “tendências racionais” e “experimentais” (p. 7–8). Essa formatação recente da conduta que engloba as tendências racionais e experimentais se daria por meio da discussão coletiva e privada de crenças ao longo do tempo, formulando hipóteses; correlações; e estabelecendo leis lógicas e morais que deliberam as ações em nossa sociedade (Schwartz, 1955).

O reconhecimento do erro também é específico destas condutas (Janet, 1926), pois permite alterar a perspectiva do passado, funcionando como um instrumento de medida. Assim, torna-se possível o constante exame das crenças, a constituição de sistemas e sua crítica visando sucesso prático, a necessidade de confirmação pela observação de pares, dentre outros aspectos que já estariam presentes, por exemplo, no longínquo ato de cozinhar, ou seja, antes do surgimento das instituições religiosas, da ciência e do trabalho organizado.

Neste mesmo quadro, Janet (1938) define as “tendências progressivas” e

“individuais” (p. 8). As tendências experimentais e racionais, ao levarem em conta a noção de erro e falha, implicariam no estabelecimento da noção de “progresso” e “evolução”, orientando-se por leis e teorias na busca por entender o funcionamento da realidade, modificando a relação para com o futuro. Janet fala, então, do modelo de “tentativa e erro”, argumentando que ele seria de exclusividade humana, criticando sua extensão ao estudo dos animais - base da psicologia comparativa -, pois eles não teriam a noção de falha em sua constituição de realidade.

Para além de um progresso que poderia mensurar a todas as coisas, se estabeleceria também a noção de originalidade de certos eventos e a impossibilidade de sua reprodução. Esta concepção, aplicada a nós mesmos resultaria na noção de individualidade, estando no cerne das sociedades recentes.

Outras noções que acompanham as condutas superiores, elaboradas a partir das tendências experimentais e racionais, são as de “objetividade” e “subjetividade” utilizadas, por exemplo, para categorizar relações para com o mundo (Janet, 1926, p. 252).

Já as “condutas de personalidade” (Janet, 1926, p. 254) referem-se às relações do sujeito consigo mesmo. Elas só teriam se constituído após o estabelecimento progressivo certas estruturas condizentes a evolução das tendências, como o “corpo próprio”, nas animais; o “homem”, nas sociais; o “indivíduo”, na intelectual; o “personagem”, no assertivo”; o “eu”, no refletido; e a “pessoa”, “sujeito” e “individualidade”, nas superiores. Em sua concepção, personalidade seria uma noção recente, que tentaria reunir os diversos planos que compõem o sujeito e orientaria suas ações, criando uma síntese artificial que permite inferências acerca dele.

As tendências

A ativação das tendências e o aspecto dinâmico das condutas

O processo de ativação de uma tendência ocorre de maneira fásica – exceto as tendências mais antigas - seguindo etapas de latência, ereção e consumação, que já foram tratadas. Antes de se chegar à consumação, existe ainda o nível do “desejo” (Janet, 1938, p. 8), melhor desenvolvido por Schwartz (1955), interessado que estava na dinâmica do sistema psicológico de Janet.

Uma tendência que se manifesta pelo desejo, diferentemente daquela que ficou apenas no estágio da ereção e pura preparação para a ação, evoluiu ao ponto de se tornar uma representação intelectiva de sua consumação, não mais se associando à sua esfera motora e tentando se adequar ao âmbito exterior e social. Seu nível de realidade, com o qual o sujeito pode ser estimulado e produzir “sentimentos agradáveis”, provém justamente de seu alto grau de ativação e, por conseguinte de suas altas demandas energéticas do ponto de vista psicológico (Schwartz, 1955).

Muitos seriam os casos de psicopatologias em que o sujeito, incapaz de consumar suas tendências, fica apenas no nível do desejo e da imaginação, em uma realidade com a qual dificilmente outros podem se relacionar. Em sua obra, Schwartz (1955, p. 70) lista alguns motivos que poderiam ocasionar em uma ativação incompleta: "1) Se a estimulação é fraca; 2) Se as dificuldades apresentadas pelo exterior são muito grandes; 3) Se a tensão psicológica é muito baixa; e 4) Se as forças são insuficientes".

Considerando que nem todas as tendências atravessam todas as fases de ativação, Janet (1938) conclui que um dos principais fatores no processo de ativação das tendências seria o que ele chama de "força psicológica" que o sujeito dispõe quanto às estimulações existentes. A força será repartida entre as tendências constituindo suas "cargas" (Janet, 1938, p. 8-9). A disposição de uma tendência na história da espécie vai definir seu grau de consolidação em relação às demais - o que influencia no quanto custoso e complexo será ativá-la. Junto disto estão as particularidades de cada indivíduo, que serão responsáveis sobre como estabelecer e como será distribuída essa força entre as tendências e suas cargas.

Infelizmente, Janet não trabalha extensamente o seu conceito de força psicológica, mas pode-se inferir que trata-se da energia envolta em todo o funcionamento do vivo – inspirado no *élan vital* de Bergson. Neste ponto, Schwartz (1955) diz que seu mestre estabelece diversos paralelos com a corrente elétrica dentro da física, principalmente na oscilação.

A força psicológica permaneceria em estado de latência até sua mobilização, depositadas nas tendências latentes, disposta em quantias diferentes em cada sujeito, a depender de fatores fisiológicos, nutricionais, hereditários, entre outros (Schwartz, 1955). As tendências mais antigas, por estarem mais estabelecidas, contam com uma maior quantidade de força psicológica em reserva, podendo-se dizer que são mais "carregadas". Desta feita, diante de grandes dificuldades e no insucesso na ativação de tendências hierarquicamente mais elevadas, o sujeito abandonaria seus "luxos" e recorreria a aquilo que tem mais familiaridade, mobilizando grandes montantes de força psicológica provenientes de tendências elementares - como as animais (Schwartz, 1955, p. 255-256).

O segundo elemento que norteia o processo de ativação das tendências é o que Janet (1938) chama de "tensão psicológica" (p. 9). Ela seria a variável qualitativa que estabeleceria a "concentração" ou "pressão" da força psicológica durante o percurso de uma tendência, vital para definir o quanto eficaz uma ação será e se haverá desperdício de força mobilizada. As tendências psicológicas mais elevadas necessitam de um alto grau de tensão psicológica - por conta de sua ativação complexa -, enquanto às inferiores seriam pouco reguladas por ela, de tal modo que, na maior parte da vida cotidiana, não é necessário mantê-la elevada (Schwartz, 1955). É como uma cacheira, que não tem sua "pulsão" determinada unicamente por seu volume de água, mas também da pressão exercida por suas

quedas.

Os atos constituídos por tendências localizadas em um alto nível hierárquico estão mais sujeitos a parar em algum nível anterior a seu término, continuando a demandar sua consumação. Mas não se pode tomar uma perspectiva simplista para analisar essa relação, pois, embora esses atos sejam mais exigentes que outros “inferiores” hierarquicamente, podem se adequar mais à situação, não necessitando da ativação de outras tendências e sendo “econômicos” em uma perspectiva geral (Janet, 1938, p. 9). Apesar dessa hierarquização, Janet recomenda não se orientar demasiadamente por tendências superiores ou inferiores, pois isto resultaria em grandes desmedidas energéticas, sendo mais interessante uma alternância e combinação que se adeque a cada situação específica (Schwartz, 1955).

O tom do funcionamento psicológico está na dinâmica existente entre a força e a tensão psicológica. Caso não se estabeleça um equilíbrio entre ambos, é possível o surgimento de sintomas que caracterizam os quadros de *doenças mentais* (*maladies mentaux*). A oscilação desses dois princípios seria ocasionada por variáveis sócio-pessoais, quando entra em cena os “mecanismos de regulação” que o ser humano dispõe para tentar retornar ao estado de equilíbrio.

A regulação da ativação das tendências

Existiriam quatro mecanismos principais de regulação da ativação das tendências: esforço, fadiga, insucesso e triunfo (Schwartz, 1955). Os dois primeiros dizem respeito à decisão de aumentar ou diminuir o montante de força psicológica destinada a certas tendências em seu percurso até a consumação, drenando-a de outras tendências ou sendo drenada. Schwartz (1955) distingue fadiga e esgotamento, sendo este um fenômeno passivo resultante do “mal” investimento de força psicológica e a consequente necessidade de repouso/ recuperação, enquanto aquele resulta da tomada de uma decisão. Ambos os reguladores podem entrar em cena a qualquer momento da ativação das tendências que encontrem resistências à sua consumação, resultando em um investimento ou desinvestimento não previsto. O esforço e a fadiga têm a capacidade de alterar o nível de carga inicial das tendências envolvidas e, por conseguinte, modificando características como sua duração, velocidade e intensidade de ativação. Desta feita, há a distinção entre uma tendência “forte” e uma “reforçada”, e de uma “fraca” para uma “enfraquecida” (Schwartz, 1955, p. 89–102).

Quanto às duas regulações restantes, insucesso e triunfo, elas demarcam o momento de encerramento de uma tendência ou seu cessar definitivo, pois, diferente das tendências anteriores, que podem regredir ou progredir em seu nível de ativação, aqui as tendências se encerram de vez bem-sucedidas ou não. O insucesso diz respeito ao encerramento de uma tendência por insuficiência, após a ação das regulações temporárias de fadiga e/ou do esforço, abandono que pode ter como causa o excesso de resistências externas e/ou internas (Schwartz, 1955).

Em contrapartida, o triunfo provém da regulação de uma tendência bem-sucedida, que, se ativando completamente, tem toda sua carga reinvestida em outras tendências. É quando o sujeito “esbanja” força psicológica - estado que o autor intitula de “irradiação psicológica” (Schwartz, 1955, p. 103–107). Contraintuitivamente, Janet acredita que nem todo insucesso é negativo e que todo triunfo é positivo por si só. O primeiro pode resultar em um redirecionamento eficiente da carga das tendências malsucedidas, ao invés de constituírem “derivações psicológicas” - tratadas a seguir -, e o segundo se pauta no encerramento precipitado de uma tendência, estando mal adaptada ao contexto, podendo então ser aperfeiçoada.

Um sujeito com muita força e pouca tensão psicológica, mediante a insucesso, provavelmente vai apresentar diversas “agitações”, ou seja, atos que, por serem antigos e simples, são de fácil consumação e tem a única função de “descarga” da força psicológica investida nas tendências iniciais, constituindo uma das formas do que Janet (1938) chama de derivações psicológicas, ou vias de vazão à força mal investida.

Se nenhum dos quatro modos de regulação mencionados age diretamente sob o nível de tensão psicológica - princípio tão importante quanto a força psicológica -, existem outros mecanismos que se encarregam dessa função. Schwartz (1955) aborda as “excitações” no capítulo destinado à tensão psicológica (p. 141–146). Tratam-se fenômenos de origem endógena ou exógena que ocasionariam na elevação desse princípio que rege o funcionamento psicológico. Ocorrem das mais variadas formas, como: excitações fisiológicas, como o uso de medicações; excitações demarcadas pelo interesse, entrando aqui um alto fator subjetivo definido pelo valor atribuído a algo; e as excitações provenientes de contextos sociais, que se dariam em nossas relações para com outros sujeitos e, neste ponto, Janet (1938) enfatiza as cerimônias religiosas. Anterior às excitações em si, haveria o que Janet intitula de “impulsões”, mecanismo que não se associa a nenhuma estimulação ou objeto específico, dizendo respeito puramente a busca desse aumento de tensão por meio de qualquer excitação.

Conforme Schwartz (1955) o “sujeito comum” se impulsiona para sair do nível de tensão usual, que condiz a seus afazeres do cotidiano, em situações atípicas e que envolvam processos mentais superiores. Nessas situações, ele recorre às mais variadas excitações não com o objetivo último de consumar as tendências que as compõem, mas de utilizá-las enquanto artifício. O mero aumento da tensão psicológica por si só não pode ser valorado positivamente ou negativamente, pois pode provir de excitações nocivas, custosas e importunas a esse sujeito, configurando “impulsões patológicas” (Schwartz, 1955, p. 147–148).

As emoções

Não há como abordar os mecanismos de regulação da ativação das tendências e, consequentemente, de seus dois princípios norteadores, sem falar de como

Janet define as emoções em seu sistema psicológico. O francês, que dedica todo o segundo volume da obra *De l'angoisse à l'extase* (Janet, 1926) para tratar do tema, critica uma interiorização exagerada na abordagem das emoções, defendendo que elas também sejam estudadas em termos de ações. Para ele, as emoções deveriam ser consideradas “reações secundárias” ou reações às tendências ativadas por estímulos endógenos ou exógenos (Schwartz, 1955, p. 117–119). As emoções só estariam presentes em nossa história enquanto espécie a partir do momento em que dispusemos de tendências regulatórias, que correspondem ao nível das condutas sociais. É o momento em que o sujeito passa a se tornar enquanto objeto, sendo capaz de elaborar crenças, estágio das condutas médias, inicialmente com as crenças assertivas (Janet, 1938). Assim, elas seriam constituídas pela exteriorização dos processos regulatórios, ocorrendo sua intelectualização por meio da linguagem e formação de crenças a seu respeito , compreendendo todas as características e distinções, já tratadas, de suas cinco formas.

Usualmente, regulações associadas à liquidação ou fortalecimento de tendências resultam sentimentos prazerosos e alegres, enquanto aquelas oriundas do processo de enfraquecimento e abandono desencadeiam sentimentos desprazerosos e depressivos. Sem uma maior elaboração e reflexão das crenças que constituem os sentimentos, eles podem ser tomados como ações propriamente ditas - ignorando seu caráter secundário -, produzindo falsas despesas e necessitando de regulações exageradas. No que Janet considera um sujeito sadio, está compreendido não a ausência de sentimentos, pois este seria um extremo, mas sim a manutenção do “estado de calma”, em que as emoções não são intensas por demais, pois não há a necessidade de grandes regulações na ativação de suas tendências (Schwartz, 1955, p. 124–127).

Considerações finais

Janet (1938) encerra seu artigo destinado à descrição da psicologia da conduta afirmando que esta seria a junção de uma psicologia psicopatológica e uma psicologia terapêutica que, já naquela época, seriam o “ponto de partida de todos os estudos das relações sociais entre indivíduos e até mesmo entre povos” (p. 10), ou seja, colocando a psicologia numa posição de centralidade em relação a outras ciências.

Ao longo de sua carreira Janet empreendeu grandes esforços no estudo e tratamento de psicopatologias, de tal modo que seja impossível não relacioná-lo com seu projeto de psicologia e o interesse em sua aplicabilidade (Vieira & Ribeiro, 2020). Podemos, a partir do trecho citado, supor que a psicologia da conduta tenha sido uma tentativa de passar adiante o trabalho que ele desenvolveu tanto na esfera da atuação profissional, quanto na elaboração de teorias, respaldado por sua formação em filosofia e ocupação docente.

Mesmo com sua dedicação à elaboração do projeto, a falta de empenho em

sua sistematização e divulgação, relacionada à ausência de interesse em fundar uma escola e contar com discípulos, pode ter sido um dos fatores que dificultou a circulação e repercussão de seu projeto. Sobre isso, o historiador da psiquiatria, Henri Ellenberger (1976), comenta:

[...] apesar do enorme trabalho dedicado a este novo sistema e a originalidade de suas novas teorias, parece que não houveram muitas pessoas na França capazes de segui-lo neste novo caminho. Aparentemente, seu nome havia sido demasiadamente associado com o conceito de automatismo psicológico e psicastenia (Ellenberger, 1976, p. 396, tradução nossa).

Prévost (1973), conjuntamente à publicação de sua tese em filosofia, analisando os aspectos filosóficos da psicologia janetiana, relata como a figura de Janet caiu em certa obscuridade. Segundo o autor, a maioria das menções a ele eram acompanhadas de comparações com Freud, de cunho pejorativo, e o descreviam enquanto um “psiquiatra clássico” que recaía nos problemas do determinismo. A partir do estudo de suas obras, Prévost (1973) destacou a falta de fundamentação de muitas críticas associadas à figura de Janet, chamando à atenção para seu desconhecimento.

Apesar dos esforços empreendidos por Schwartz (1955), Prévost (1973) e Ellenberger (1976) na defesa da originalidade e riqueza das teorias janetianas após sua morte, concepções como sua “psicologia da conduta” acabaram por não se tornar conhecidas. Janet é mais recorrente nas histórias da psicanálise e psiquiatria do que na da psicologia, seja como o “homem que acusou Freud de plágio” - sendo considerado vencido no embate com o austríaco nas narrativas históricas do campo (Roudinesco, 1988; Roudinesco & Plon, 1998) - ou o “criador do conceito de dissociação”. Estas alcunhas não auxiliam no entendimento de suas ideias psicológicas, justificando a relevância de publicações como esta.

Antes de encerrar, cabe mencionar a existência de uma associação de pesquisadores de interesses dialogantes com os nossos, a *Reseau Janet*, criada em 2011 por Isabelle Saillot com o objetivo de reunir informações sobre o Janet enquanto psicólogo. Reconhece-se o valor de seus esforços na empreitada de redescobrir o Janet e algumas publicações lançadas sob sua rubrica foram mencionadas no presente trabalho.

Referências

Amann-Gainotti, M. (1992). Contributions to the history of psychology: LXXXV.

Jean Piaget, student of Pierre Janet (Paris 1919-1921). *Perceptual and Motor Skills*, 74(3), 1011-1015. <https://doi.org/10.2466/pms.1992.74.3c.1011>

- Blaser, J. G. (2015). *Multiplicando a consciência: A dissociação e suas consequências segundo Pierre Janet* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora]. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/350>
- Borch-Jacobsen, M. & Shamdasani, S. (2014). *Os arquivos Freud: Uma investigação acerca da história da psicanálise*. Unesp.
- Boulangée, T. (2020). Centre Pierre Janet. *Hegel*, 3(3), 250–253. <https://doi.org/10.3917/heg.103.0250>
- Brown, P., MacMillan, M. B., Meares, R. & van der Hart, O. (1996). Janet and Freud: Revealing the Roots of Dynamic Psychiatry. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 30(4), 480–489. <https://doi.org/10.3109/00048679609065021>
- Cassullo, G. (2019). Freud meets Janet: Notes towards a psychology of the plural-ego. *La Rivista di Psicoanalisi*, 13, 99-116. https://www.raffaello cortina.it/direct_free_download.php?id=3052&idv=
- Craparo, G., Ortú, F., & H. O. van der. (2019). *Rediscovering Pierre Janet: Trauma, dissociation, and a new context for psychoanalysis*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429201875>
- Dagfal, A. (2002). La naissance d'une "conduite à la française": De Ribot à Janet. *L'Évolution Psychiatrique*, 67(3), 591–600. [https://doi.org/10.1016/S0014-3855\(02\)00156-1](https://doi.org/10.1016/S0014-3855(02)00156-1)
- Dagfal, A. A. (2013). 1913-2013: A un siglo de "El psico-análisis" según Janet. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(1), 320–376. <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/9051>
- Dorahy, M. J., & van der Hart, O. (2006). Fable or Fact?: Did Janet Really Come to Repudiate His Dissociation Theory? *Journal of Trauma & Dissociation*, 7(2), 29–37. https://doi.org/10.1300/J229v07n02_03
- Ellenberger, H. F. (1976). *EL descubrimiento del inconsciente: Historia y evolución de la psiquiatría dinámica*. Gredos.
- Ey, H. (1978). Force et faiblesses des concepts génétiques et énergétiques de la psychopathologie de Pierre Janet. *Bulletin de psychologie*, 31(333), 351–356. https://www.persee.fr/doc/bopsy_0007-4403_1978_num_31_333_11483
- Fedi, L. (2007). Piaget disciple de Janet: Héritage et convergences. *Janetian Studies*, hal-02563034, 1-17. <https://hal.science/hal-02563034>
- Flavell, J. H. (1986). *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget* (2a ed.). Pioneira.

- Foulquier, P., & Deledalle, G. (1977). *A psicologia contemporânea* (4a ed.). Companhia Editora Nacional.
- Heim, G., & Bühler, K. E. (2003). Les idées fixes et la psychologie de l'action de Pierre Janet. *Annales Médico-psychologiques, revue psychiatrique*, 161(8), 579–586. [https://doi.org/10.1016/S0003-4487\(03\)00013-1](https://doi.org/10.1016/S0003-4487(03)00013-1)
- Hesnard, A. (1927). Réflexions sur la Psychologie de Pierre Janet: (A propos d'un livre récent). *Revue française de psychanalyse*, 3(2), 625–646.
- Janet, P. (1926). *De l'angoisse à l'extase: Études sur les croyances et les sentiments*. F. Alcan.
- Janet, P. (1930). Pierre Janet. In C. E. Murchison (Org.), *A history of psychology in autobiography* (p. 123–133). Russell & Russell; Atheneum Publishers. <https://doi.org/10.1037/11401-005>
- Janet, P. (1938). La psychologie de la conduite: L'action, élément psychologique essentiel. In L. Febvre & H. Wallon (Orgs.), *Encyclopédie française* (Vol. 8, p. 11–16). Société de gestion de l'Encyclopédie française.
- Janet, P. (1946). Auto-Biographie Psychologique. *Les Études philosophiques*, 1(2), 81–87. <https://www.jstor.org/stable/20840966>
- Nicolas, S., & Reuchlin, M. (2002). *Histoire de la psychologie française naissance d'une nouvelle science*. In Press.
- Parot, F., & Richelle, M. (1992). *Psychologues de langue française: Autobiographies*. Presses Universitaires de France.
- Penna, A. G. (1992). *História da psicologia no Rio de Janeiro*. Imago Editora.
- Pérez-Rincón, H. (2011). Pierre Janet, Sigmund Freud and Charcot's psychological and psychiatric legacy. *Following Charcot: A Forgotten History of Neurology and Psychiatry*, 29, 115–124. <https://doi.org/10.1159/000321781>
- Piaget, J. (1983). A epistemologia genética. In N. C. Caixeiro, *A epistemologia genética, Sabedoria e ilusões da filosofia, Problemas de psicologia genética* (2a. ed., pp. 1–64). Abril Cultural.
- Prévost, C.-M. (1973). *Janet, Freud et la psychologie clinique*. Payot.
- Reed, G. (1987). Pierre Janet. In R. L. Gregory & O. Zangwill (Orgs.), *The Oxford Companion to the Mind* (p. 397). Oxford University Press.
- Roudinesco, E. (1988). *História da psiconálise na França: A batalha dos cem anos*. Jorge Zahar Editor.

- Roudinesco, É., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Jorge Zahar.
- Saillot, I. (2017). Grand angle: Psychiatrie artificielle et énergie, quelques remarques dans la perspective du modèle de Pierre Janet. *Dogma: Revue de Philosophie et de Sciences Humaines*, 1, 1–6. <http://www.dogma.lu/pdf/IS-modelisation-energie.pdf>
- Saillot, I. (2018). Des facultés de l'âme aux conduites de Janet: Une approche à redécouvrir. *Dogma: Revue de Philosophie et de Sciences Humaines*, 1(13), 1–14. <http://www.dogma.lu/pdf/IS-facultes.pdf>
- Saillot, I. (2019). Pierre Janet récapitulationniste: Indications pour une critique éclairée. *Dogma: Revue de Philosophie et de Sciences Humaines*, 1(10), 1–6. <http://www.dogma.lu/pdf/IS-evolution.pdf>
- Saillot, I. (2020). L'inquiétude et ses variables intermédiaires: Pierre Janet ou le problème du puits sans fond. *Dogma: Revue de Philosophie et de Sciences Humaines*, 1(13), 1–14. <http://www.dogma.lu/pdf/IS-inquietude.pdf>
- Sanfelippo, L. C., & Dagfal, A. A. (2020). The debate between Janet and Freud revisited: Trauma and memory (1892–1895/1913–1914). *The Psychoanalytic Quarterly*, 89(1), 119–141. <https://doi.org/10.1080/00332828.2020.1688549>
- Schwartz, L. (1955). *Les névroses et la psychologie dynamique de Pierre Janet*. Presses Universitaires de France.
- Serina, F. (2020). Janet-Schwartz-Ellenberger: The history of a triangular relationship through their unpublished correspondence (1926–48). *History of Psychiatry*, 31(1), 3–20. <https://doi.org/10.1177/0957154X19877601>
- Surprenant, C. (2018). Pierre Janet, le "Freud français". In A. Compagnon & C. Surprenant (Orgs.), *Freud au Collège de France*. Collège de France. <https://hal.science/hal-03020930>
- Thoret, Y., Giraud, A. C., & Ducerf, B. (1999). La dissociation hystérique dans les textes de Janet et Freud avant 1911. *L'Évolution Psychiatrique*, 64(4), 749–764. [https://doi.org/10.1016/S0014-3855\(00\)88834-9](https://doi.org/10.1016/S0014-3855(00)88834-9)
- Valsiner, J., & Van der Veer, R. (2000). *The social mind: Construction of the idea*. Cambridge University Press.
- Van der Veer, R., & Valsiner, J. (1988). Lev Vygotsky and Pierre Janet: On the origin of the concept of sociogenesis. *Developmental Review*, 8(1), 52–65. [https://doi.org/10.1016/0273-2297\(88\)90011-1](https://doi.org/10.1016/0273-2297(88)90011-1)
- Van der Veer, R., & Valsiner, J. (1991). Sociogenetic perspectives in the work of Pierre Janet. *Sforza della Psicologia*, 3, 6–23.

Vasconcelos, M. S. (1996). *A difusão das ideias de Piaget no Brasil*. Casa do Psicólogo.

Vieira, Y. P. A., & Ribeiro, A. E. M. (2020). Figuras da psicologia francófona do final do século XIX. *Mnemosine*, 16(2), 552-584. <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2020.57677>

Nota sobre os autores:

Yuri Pereira Antunes Vieira é graduando em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador bolsista PIBIC interessado no estudo da História da Psicologia Francesa da virada do século XIX-XX, especificamente na vida e obras de Pierre Janet. E-mail: yuripereira@id.uff.br

André Elias Morelli Ribeiro é psicólogo, mestre e doutor em psicologia pela Unesp-Assis, docente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) – campus de Rio das Ostras; docente no programa de pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com

Data de submissão: 07.07.2023

Data de aceite: 18.12.2023